



MAUFFREY, Tristan. O corpus canônico da antiguidade grega e chinesa sob o prisma da literatura mundial: quais são os territórios dos poemas homéricos e do *Livro de Odes* (Shijing)? Tradução Renata de Castro. In: **Revista Épicas**. Ano 6, N. 12, Dez 22, p. 171-188. ISSN 2527-080-X.
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v12i12p171-188>

**OS CORPORA CANÔNICOS DA ANTIGUIDADE GREGA E CHINESA
SOB O PRISMA DA LITERATURA MUNDIAL:
QUAIS SÃO OS TERRITÓRIOS DOS POEMAS HOMÉRICOS
E DO LIVRO DE ODES (SHIJING)?¹**

**THE CANONICAL CORPORA OF GREEK AND CHINESE ANTIQUITY
THROUGH THE PRISM OF WORLD LITERATURE:
WHICH TERRITORIES FOR THE HOMERIC POEMS AND THE *BOOK OF ODES* (SHIJING)?**

Tristan Mauffrey²

RESUMO: O artigo apresenta e discute algumas das vias teóricas e metodológicas abertas pelo comparatista Alexander Beecroft. Sua leitura cruzada dos corpora canônicos antigos – incluindo os poemas homéricos e o clássico chinês *Livro de Odes* (Shijing) –, baseia-se numa abordagem das interações entre

¹ Artigo originalmente publicado na *Recueil Ouvert*. Referência: MAUFFREY, Tristan. Les corpus canoniques de l'Antiquité grecque et chinoise au prisme de la littérature mondiale : quels territoires pour les poèmes homériques et le *Livre des Odes* (Shijing) ? **Le Recueil Ouvert** [En ligne], mis à jour le : 10/11/2019, URL : <http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/333-les-corpus-canoniques-de-l-antiquite-grecque-et-chinoise-au-prisme-de-la-litterature-mondiale-quels-territoires-pour-les-poemes-homeriques-et-le-livre-des-odes-shijing>. Texto traduzido para o português pela Professora-Doutora Renata de Castro.

² Tristan Mauffrey é professor de Letras Clássicas, ex-aluno da École normale supérieure e doutor pela Universidade Paris Diderot, onde defendeu, em 2015, a tese em Literatura Comparada intitulada *Narration poétique et mémoire héroïque dans la Grèce classique et dans la Chine préimpériale : fabriquer des savoirs traditionnels à partir de l'Illiade, de l'Odyssée, et du Livre des Odes (Shijing)* [Narrativa poética e memória heróica na Grécia clássica e na China pré-imperial: produção de saberes tradicionais a partir da Ilíada, da Odisseia e do Livro de Odes (Shijing)], sob a orientação de Florence Dupont. Colaborou significativamente nos volumes coletivos *La Voix actée. Pour une nouvelle ethnopoétique*, organizado por Florence Dupont, Maria Manca, Bernard Lortat-Jacob e Claude Calame (2010), e *Epopées du monde. Pour un panorama (presque) général*, organizado por Ève Feuillebois-Pierunek (2011). Ensina Letras Clássicas no Liceu Louise Michel, em Champigny-sur-Marne, assim como Literatura Comparada, na Universidade de Paris Nanterre e na Universidade de Sorbonne.

as "ecologias literárias", definidas como ambientes culturais nos quais um texto torna-se um objeto de leituras e de usos variados segundo a escala e a perspectiva adotadas. Os desafios dessa abordagem são a inclusão dos corpora poéticos de culturas distantes no campo da literatura mundial, as modalidades de sua análise no âmbito dos estudos épicos e da literatura comparativa, e o posicionamento do olhar crítico sobre esses objetos textuais.

Palavras-chave: Literatura mundial; comparatismos; textos canônicos; Homero; Grécia e China antigas

ABSTRACT: This article presents and discusses a few of the theoretical and methodological paths opened by comparative literature scholar Alexander Beecroft, who based his crossed reading of ancient canonical corpuses, including the Homeric poems and the Chinese classic of the Books of Songs (*Shijing*), upon the study of the interactions between "literary ecologies" – by which he means the cultural environments within which a text has been the object of readings and uses which may vary depending on one's scale and perspective. What is at stake here is the inclusion of poetical corpuses from distant cultures in the field of world literature, the question of how to study them within comparative literature and epic studies and how to position our critical glance on these textual objects.

Keywords: World Literature; comparisons; canonical texts; Homer; Ancient Greece and China

Esta contribuição fundamenta-se na atualidade crítica e nos desafios teóricos de uma abordagem comparativa de dois corpora poéticos tradicionais dotados de um status canônico em suas respectivas culturas: os poemas homéricos, na Grécia antiga, e o *Shijing*, ou *Livro de Odes*, na China pré-imperial³. O estudo irá se concentrar na recente obra de Alexander Beecroft, que se baseia na comparação desses corpora acima mencionados, dentre outros, a fim de desenvolver um modelo teórico destinado a pensar em novos fundamentos sobre as interações entre literaturas, antigas e modernas, dentro da literatura mundial considerada em sua máxima extensão espacial e temporal⁴. As áreas linguísticas e culturais de produção, difusão e circulação de obras literárias constituem, na perspectiva de Beecroft, ambientes (podemos dizer biotopos) que condicionam a recepção, as interpretações e os usos dos textos. Assim, levar em consideração esses diferentes ambientes permite esclarecer as variações dessas leituras sincrônica e diacronicamente: não são apenas as interpretações, mas também o status e até mesmo a forma dos textos que, particularmente nos períodos antigos, variam de acordo com os contextos que lhes dão sentido. É por isso que Beecroft fala de uma "ecologia da literatura

³ O *Shijing* 詩經 (*shi*: "poema", *jing*: "canon") compila os mais antigos poemas da antiguidade chinesa (entre os séculos XI e VI, dependendo do caso). De um total de 3.000 poemas, a seleção de 305 é atribuída a Confúcio pela tradição posterior. De fato, Confúcio menciona as *Odes* regularmente em *Entretiens*, mas o corpus que nos foi transmitido só foi fixado e estabelecido como um clássico oficial (*jing*) no período Han, a partir do século II a.C. Mais adiante, voltaremos a alguns aspectos da história do *Shijing* como corpus canônico. As principais traduções para o francês e o inglês estão listadas na bibliografia.

⁴ As publicações aqui consideradas são principalmente dois livros e dois capítulos de obras coletivas: BEECROFT, Alexander. **Authorship and Cultural Identity in Early Greece and China: Patterns of Literary Circulation**. Cambridge e New York: Cambridge University Press, 2010; **An Ecology of World Literature: From Antiquity to the Present Day**. Londres e New York: Verso, 2015; BEECROFT, Alexander. Homer and the Shi Jing as Imperial Texts. In: KIM, Hyun Jin; VERVAET, Frederik Juliaan; ADALI, Selim Ferruh (org.), **Eurasian Empires in Antiquity and the Early Middle Ages: Contact and Exchange between the Graeco-Roman World, Inner Asia and China**. Cambridge, Cambridge University Press, 2017, p. 153-173; "Comparing the Comings into Being of Homeric Epic and the *Shijing*. in MUTSCHLER, Fritz-Heiner (org.). **The Homeric Epics and the Chinese Book of Songs: Foundational Texts Compared**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2018, p. 73-84.

mundial”. O objetivo aqui é apresentar e discutir algumas dessas proposições teóricas e metodológicas aplicadas ao campo da Antiguidade grega e chinesa.

Tomar dois monumentos poéticos antigos, Homero e o *Shijing*, a fim de questionar o comparatismo atual, não é um gesto isolado nem insignificante; é de particular interesse dos estudos épicos. Amiúde estes tomam por objeto a análise comparativa de tradições narrativas e poéticas pertencentes às mais variadas culturas, sendo assim levados a examinar de forma constantemente crítica as ferramentas hermenêuticas, os conceitos e as abordagens que utilizam. No entanto, essas questões colocam-se de modo particularmente acentuado quando se trata de integrar antigos corpora, cuja literariedade é precisamente problemática, ao campo da Literatura Comparada; e de situar, na literatura mundial, obras cujo status canônico é uma dimensão a ser estudada por si mesma, e não apenas a condição de uma leitura “patrimonial” de textos por vezes descritos como “fundadores”. É como objetos distantes uns dos outros – e também de nós –, tanto no espaço como no tempo, em sua definição e em seus usos, que eles devem ser abordados, a fim de alimentar uma reflexão crítica sobre o campo de investigação da disciplina, sobre os métodos comparativos, e até mesmo sobre a forma como o termo “literatura” é entendido em “Literatura Comparada”.

Corpora poéticos gregos e chineses: um laboratório para pensar em uma "ecologia literária (uma ecologia do literário)”

Alexander Beecroft, ao intitular seu livro de 2015 como *An Ecology of World Literature*, pretendeu dar um caráter sistemático ao modelo teórico que, já há alguns anos, vem parcialmente expondo e colocando em prática em suas publicações, sejam elas totalmente comparativas ou façam parte de uma ou outra de suas duas principais áreas de especialização, a saber, estudos gregos e sinologia. Para um estudioso envolvido na representação institucional da *Comparative Literature* nos Estados Unidos, é também uma forma de contribuir diretamente para o debate epistemológico que anima a comunidade comparatista no entorno da literatura mundial, de suas definições e das orientações da Literatura Comparada como método científico e disciplina acadêmica⁵.

⁵ Alexander Beecroft é membro do conselho editorial responsável pela publicação do Relatório do Congresso da Associação Americana de Literatura Comparada (American Comparative Literature Association), de 2017: ver Heise, Ursula K. (ed.), *Futures of Comparative Literature: ACLA State of the Discipline Report*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 2017. Deve-se notar que Haun Saussy, outro estudioso comparatista americano da literatura chinesa e editor do relatório anterior (2004), recorre igualmente a esta competência disciplinar dentro de uma literatura antiga e não europeia a fim de contribuir, neste volume e em muitas outras obras, para a reflexão epistemológica sobre a noção de *world literature* e sobre o futuro do comparatismo.

O primeiro desafio desta abordagem é tornar possível um comparatismo desvinculado das relações de influência, já que se aplica a duas literaturas, grega e chinesa, mutuamente estranhas. Essa questão, que se tornou clássica, encontrou várias respostas metodológicas ao longo da história da disciplina, todavia permanece atual devido às escolhas teóricas que exige, as quais envolvem uma redefinição permanente da prática do comparatismo. Tais escolhas são intelectuais, mas também políticas: questionar a interação entre áreas culturais de forma problematizada, como procura fazer Alexander Beecroft, é desconstruir metodicamente as categorias de nação ou de cultura, a fim de torná-las ferramentas hermenêuticas adaptáveis, e não entidades fixas. No caso particular do comparatismo Grécia/China, não se trata de estabelecer os termos de comparação como modelos culturais essencializados ou torná-los representantes emblemáticos de duas formas prestigiosas de civilização. Ao contrário de um “pensamento civilizacional”, a metáfora da ecologia literária visa revelar as relações dinâmicas e instáveis entre os ambientes culturais nos quais se inscrevem os textos literários⁶. Essa abordagem toma como objeto “literaturas”, constituídas como tal por uma determinada comunidade cultural – voltaremos a este ponto, que pode ser discutido –, consideradas como unidades mínimas da literatura mundial e, portanto, suscetíveis a serem objeto de uma história literária⁷. Entretanto, tal abordagem procura defini-las por meio das “relações ecológicas” que mantêm com outras literaturas ou com outros campos de ação (como as esferas política, econômica, sociocultural ou religiosa)⁸.

Para discutir essas interações, Beecroft propõe seis “ecologias literárias” (*literary ecologies*) ou “padrões ecológicos” (*ecological patterns*), que são, repetimos, modelos de sistemas literários destinados a fornecer ferramentas flexíveis à análise, e não a constituir artificialmente uma nomenclatura fixa e fechada. As categorias propostas são inspiradas em trabalhos de outros autores e aplicadas, ao menos parcialmente, por Beecroft em seus próprios trabalhos, mesmo quando se trata de apenas um dos campos, grego ou chinês. Portanto, são conceitos operacionais que só fazem sentido na prática, e aplicados a exemplos que, às vezes, permitem-nos questionar seus limites. Estes são respectivamente os modelos epicórico (*epichoric*), pancórico (*panchoric*), cosmopolita (*cosmopolitan*), vernacular, nacional e global⁹. A

⁶ “the fact that my ecologies cut across traditional cultural boundaries and juxtapose unrelated cultures in deliberately artificial ways might be helpful as an antidote to civilizational thinking, which all too often forgets that civilizations are always, in the end, mental isolates as well, and that human cultural experience knows no firm or enduring borders” (BEECROFT, 2015, p. 28).

⁷ De acordo com o site institucional da Universidade da Carolina do Sul, onde Alexander Beecroft ensina, ele está trabalhando em uma *História Global da Literatura* a ser publicada pela editora Johns Hopkins University.

⁸ “any given literature must, I believe, be understood as being in an ecological relationship to other phenomena – political, economic, sociocultural, religious – as well as to the other languages and literatures with which it is in contact” (BEECROFT, 2015, p. 19).

⁹ Essa lista de ecologias literárias, que forma a própria estrutura de *An Ecology of World Literature*, foi proposta por Beecroft já 2008 em um artigo intitulado “*World Literature Without an Hyphen: Towards a Typology of Literary*

lista destas ecologias pode parecer, à primeira vista, organizada em ordem cronológica, seguindo várias etapas dentro das modalidades de difusão das literaturas da escala local (epicórico) à escala global. No entanto, esta impressão é enganosa, e veremos por meio dos exemplos de nossos corpora poéticos como este sistema funciona de uma forma muito mais flexível e complexa.

Os três últimos modelos – vernacular, nacional, global – encontram sua aplicação principalmente nas literaturas dos períodos moderno e contemporâneo, marcados por um – felizmente contestado – domínio das literaturas em línguas europeias. Se Beecroft refere-se explicitamente a Pascale Casanova, para explicar sua abordagem das ecologias literárias vernacular e nacional, é principalmente por que as noções de “literariedade” e “literarização” (*literariness* e *literarisation*) permitem-lhe compreender alguns dos mecanismos pelos quais uma língua vernacular adquire status literário como, por exemplo, o francês no século XVI, em contraste com o latim e em competição com outras línguas vernaculares (BEECROFT, 2015, p.12). A Europa dos estados-nação do século XIX oferece a estrutura de uma ecologia das literaturas nacionais derivada da ecologia das literaturas vernaculares europeias. Esse novo sistema literário prolonga e amplia o movimento de expansão e difusão dessas línguas e literaturas em todo o mundo através do imperialismo colonial.

Todavia, Beecroft propõe uma noção mais ampla de literatura, a fim de transcender o quadro de análise de um Pascale Casanova e incluir na literatura mundial tradições textuais mais diversas e mais antigas, e não tributárias do modelo europeu moderno de literariedade. Uma literatura, redefinida desta forma, de fato inclui os leitores e destinatários de textos, abrangendo

técnicas ou práticas de leitura de textos, e, em particular, técnicas que estabelecem relações entre os textos, de acordo com um conjunto de características comuns que normalmente começam pelo compartilhamento de uma língua e/ou um quadro político, além de incluírem questões de gênero e influência, entre outros critérios (BEECROFT, 2015, p. 16).

Tal definição tem pelo menos duas importantes implicações teóricas: primeiro, um texto pode pertencer a várias literaturas (simultâneas ou sucessivas) entendidas como modos de leitura; segundo, as práticas de circulação e recepção de textos podem ser única ou principalmente orais, como no caso da tradição homérica, pelo menos até sua fixação textual definitiva (BEECROFT, 2015). Estas conquistas teóricas aplicam-se, portanto, às três primeiras ecologias literárias (epicórica, pancórica, cosmopolita), pelas quais estamos particularmente interessados agora.

Systems” (New Left Review, nº 54, p. 87-100). O autor coloca essas categorias em prática em suas publicações posteriores. Optamos por afrancesar os termos *epichórico* e *panchórico*, explicados mais à frente.

Culturas locais e culturas compartilhadas

De fato, são os corpora poéticos da Grécia e China antigas, e em particular os poemas homéricos e as odes do *Shijing*, colocados dentro de um conjunto de práticas culturais, que permitem a Beecroft elaborar as categorias complementares epicórica e pancórica. Em seu livro de 2010, *Authorship and Cultural Identity in Early Greece and China: Patterns of Literary Circulation*, ele analisa as “cenas de autoria” (*scenes of authorship*) inscritas nas tradições textuais grega e chinesa – a exemplo de *Vidas de Homero* ou das representações de Confúcio como compilador das *Odes* – como procedimentos míticos pertencentes a uma “poética implícita” (*implicit poetics*), testemunha da construção de uma “identidade cultural compartilhada” (*shared cultural identity*) no mundo helenizado ou no espaço sinizado (BEECROFT, 2010). Na introdução de seu estudo, o autor expõe os conceitos por meio dos quais pensa nessas mudanças de plano nos modos de leitura, interpretação e difusão dos corpora estudados: o termo epicórico é retirado do trabalho do especialista em Homero Gregory Nagy, ao qual Beecroft acrescenta o de pancórico, a fim de estender a outras áreas culturais que não o mundo grego o conteúdo nocional do pan-helenismo (BEECROFT, 2010, p. 8-9)¹⁰. Vamos, portanto, rever brevemente a história desses termos.

Quando Gregory Nagy calca sobre o adjetivo grego ἐπιχώριος (*epikhōrios*) o neologismo inglês *epichoric* (epicórico), é de fato para designar o nível local que uma prática ritual ou uma performance poética é destinada, por exemplo. Confirmado em Píndaro ou Heródoto, esse termo, formado a partir do substantivo χώρα – *khōra*, “país, território, espaço delimitado e ocupado” –, é assim utilizado pelo helenista com o objetivo de distinguir o quadro local da *polis* – ou de um conjunto de cidade-estado, cujo dialeto, por exemplo, era compartilhado – do quadro pan-helênico, em que algumas manifestações específicas dizem respeito a todo o mundo grego. Tais manifestações, que aparecem concomitantemente ao desenvolvimento da cidade-estado na Grécia do século VIII, incluem, em particular, a participação nos Jogos Olímpicos, a frequência no oráculo de Apolo Pítio, em Delfos, ou o compartilhamento da tradição poética dos poemas homéricos:

Instituições como os Jogos Olímpicos e o Oráculo de Delfos (ambos surgidos no século VIII) são, sem dúvida, elementos importantes de uma organização social e síntese cultural que vão além da cidade-estado. O mesmo pode ser dito da epopeia homérica, e o paralelismo é significativo. Com base nas evidências internas de seu conteúdo, vemos que essa tradição poética sintetiza as tradições locais divergentes de todas as grandes cidades-estado, fundidas em um modelo pan-helênico unificado que convinha à maioria das cidades, mas que não correspondia exatamente a nenhuma delas. O conceito homérico dos deuses olímpicos fornece o melhor

¹⁰ Note-se que este livro é o resultado de uma tese de doutorado defendida em Harvard, sob a orientação conjunta do helenista Gregory Nagy e do sinólogo Stephen Owen.

exemplo desse processo: ele inclui, mas ultrapassa as tradições religiosas locais de várias cidades-estado. Sabemos também que, quando a *Ilíada* e a *Odisseia* assumiram a forma que conhecemos, já tinham se espalhado por todas as cidades-estado. Portanto, é possível que o material pan-helênico do épico homérico não tenha vindo só de sua composição, mas também de sua expansão (NAGY, 1994, p.30).

Segundo o modelo evolucionista de Gregory Nagy, a *Ilíada* e a *Odisseia*, como as conhecemos, são o resultado de um conjunto de performances da tradição homérica, inscritas em um processo de fixação progressiva dessa tradição poética sob uma forma partilhada pelas cidades do mundo grego. Particularmente fluida no âmbito das práticas de composição-performance do período arcaico, a tradição da *Ilíada* e da *Odisseia* “cristaliza-se”, segundo a expressão de Nagy, de forma menos fluida na prática dos rapsodistas do período clássico em Atenas, por exemplo, onde a forma dos poemas homéricos recitados por ocasião das Panateneias é oficialmente fixada ao longo do século VI. Este caráter instável¹¹ da tradição homérica em constante transformação, de acordo com Nagy, permite pensar na articulação entre performances particulares – sempre inscritas em um contexto espaço-temporal único – e na elaboração de uma forma pan-helênica que confere à *Ilíada* e à *Odisseia* um status primordial, notadamente em relação a outras tradições heroicas, como as designadas sob o nome de Ciclo Épico¹².

Embora o exemplo homérico seja essencial para compreender as implicações do pan-helenismo no campo da poesia grega dos períodos arcaico e clássico, não é o único: todos os gêneros poéticos deste período podem ser lidos através deste prisma, uma vez que ele corresponde ao modo como a tradição poética se define, entre o nível local e o pan-helênico. Um exemplo destacado por Beecroft e Nagy é os epinícios de Píndaro¹³: por ocasião das festividades pan-helênicas – os jogos Olímpicos, Píticos ou Ístmicos –, o poeta celebra um vencedor por sua conquista em sua cidade, com quem compartilha a glória. Este canto de

¹¹ Ver como Florence Dupont descreve as mudanças trazidas à tradição homérica pelas performances das rapsódias nas Panateneias, em *L'invention de la littérature, de l'ivresse grecque au livre latin* (Paris: La Découverte, 1994): “A epopeia tradicional era instável, porque foi totalmente colhida na oralidade, e cada apresentação foi recomposta; a cultura de festivais, introduzindo um modelo com seus responsáveis, os autores míticos, introduziu ao mesmo tempo outra forma de memorização que permitia o uso da escrita e que tornou possível passar de uma poesia de instabilidade para uma poesia de variação” (Tradução citação da p. 80). A noção de variação vem de Bernard Cerquiglini, que a aplica a textos medievais cuja autenticidade não pressupõe a exata conformidade do enunciado com um único modelo escrito. Ver CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante. Histoire critique de la philologie*. Paris : Seuil, col. "Des travaux", 1989.

¹² Ver NAGY, Gregory. *Pindar's Homer. The Lyric Possession of an Epic Past*. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press, 1990, p. 70: “It should be clear that this notion of Panhellenic is absolute only from the standpoint of insiders to the tradition at a given time and place, and that it is relative from the standpoint of outsiders, such as ourselves, who are merely looking in on the tradition. Each new performance can claim to be the definitive Panhellenic tradition. Moreover, the degree of Panhellenic synthesis in the content of a composition corresponds to the degree of diffusion in the performance of this composition. Because we are dealing with a relative concept, we may speak of the poetry of the Iliad and Odyssey, for example, as more Panhellenic than the poetry of the Epic Cycle.”

¹³ Este é o objeto principal de *Pindar's Homer. The Lyric Possession of an Epic Past*, de G. Nagy, citado na nota anterior. Ver também BEECROFT, 2015, p. 47-49.

circunstância, ancorado em um quadro espaço-temporal e político preciso, adquire, por suas modalidades de composição e de execução, uma dimensão pan-helênica que explica porque a obra de Píndaro foi difundida e preservada, o que não teria sido o caso de uma poesia puramente epicóricas. De fato, a cidade grega arcaica e clássica é o ponto de articulação desses dois níveis, na medida em que, nas palavras de Nagy, “contém o que é epicórico”, mas “promove o que é pan-helênico”: ela, a cidade, tende, por definição, a incluir a cultura local em um conjunto mais vasto por sua extensão, uma cultura comum ao mundo grego¹⁴.

Ao forjar o termo pancórico a partir do modelo epicórico, Beecroft confere a esse quadro de análise da poesia grega antiga uma qualidade de abstração que torna essas categorias potencialmente aplicáveis a outras áreas culturais. A abordagem comparativa aqui consiste em construir, no domínio chinês, um termo comparável – e não estritamente equivalente – ao de pan-helenismo: a noção de *panhuaxia*. Dessa forma, o teórico conceitua a constatação de que certas práticas culturais estendem-se progressivamente por todo o mundo sinizado entre os séculos VIII e III a.C., ou seja, durante a dinastia conhecida como Zhou Oriental (771-256). Formado a partir da expressão *Huaxia* (華夏), que às vezes se referia à área sinizada ao longo desse período, o termo de forma alguma pressupõe a existência de uma área cultural chinesa com fronteiras estáveis e uma cultura uniforme. Como no pan-helenismo, é um conceito historiográfico que explica o fenômeno pelo qual se dão os laços simbólicos que unem populações e territórios, tendo como exemplo, o culto do Céu, a circulação de formas rituais e musicais, ou ainda uma representação mítica dos primeiros tempos da dinastia Zhou Ocidental (1045-771), fortemente idealizados ao ponto de, segundo Beecroft (2010, p. 9, e 2015, p. 66), terem constituído um “mito fundador” (*charter-myth*) dessa comunidade.

O corpus poético das *Odes*, mais tarde constituído como texto canônico como um dos Cinco Clássicos ditos confucionistas (NYLAN, 2001), é um elemento essencial dessa cultura comum, nisso comparável aos poemas homéricos. Uma prática em particular ilustra tal status: a das apresentações das odes em contexto diplomático, típico da cultura aristocrática dos séculos VII e VI – pelo menos como documentado em um texto como o *Zuozhuan*, uma crônica histórica do século IV a.C.. Esta prática, designada pela expressão *fu shi* – 賦詩, “apresentar odes” –, consistia, para os ministros, embaixadores ou soberanos de principados rivais que compartilhavam o mundo chinês, em negociar alianças, ameaças ou reaproximações durante reuniões nas quais as trocas decisivas seriam feitas não por meio de argumentos retóricos, mas pela simples enunciação, parcial ou integralmente, de um ou mais poemas deste corpus comum.

¹⁴ “All this is not to say that a local or epichoric version, as distinct from a Panhellenic version, can be equated with the version that is supported and promoted by the polis. As an institution, the polis mediates between the epichoric and the Panhellenic: although it contains what is epichoric, it also promotes what is Panhellenic” (NAGY, 1990. p.67).

O domínio deste conhecimento compartilhado e a sagacidade, ainda por cima variável, dos interlocutores permitir-lhes-ia atribuir a esses enunciados poéticos, pelo jogo da alegoria, um significado político preciso, definido por e para o contexto da performance, enquanto o significado literal destas odes não comporta nada do gênero. Embora nosso conhecimento dessa prática seja tributário de representações posteriores e orientado para uma interpretação confucionista, as performances poéticas em um contexto diplomático podem ser vistas como uma das manifestações da “*panhuaxia*” em ação, e como uma forma ritualizada de realizar e renovar esse vínculo entre os principados, que só seriam unificados em um império com a fundação da dinastia Qin, em 221 a.C..

Em qualquer caso, os exemplos desenvolvidos por Beecroft (Homero e Píndaro, em particular, as *Odes*, mas também os poemas do *Chuci*, atribuídos a Qu Yuan) exploram as modalidades de um sistema destinado a ser aplicado a outras áreas culturais: entendidas não como etapas cronologicamente sucessivas, mas como modos distintos e complementares de leitura, as ecologias epicóricas e pancóricas são formas de fazer um corpus textual funcionar dentro de uma determinada cultura. Além disso, (podemos considerar que) os textos que nos foram transmitidos como pertencentes a uma cultura epicórica são, por definição, textos que foram integrados a um conjunto que lhes deu um significado pancórico ou mesmo criados como o vestígio de culturas locais dentro deste todo¹⁵. Um exemplo emblemático é a primeira seção do *Shijing*, intitulada *Guofeng* ou “Ares dos Principados”, que é apresentada como uma coleção de poemas classificados de acordo com sua suposta origem geográfica. Esta classificação, própria do texto canônico do *Shijing*, fixado no período Han, é uma ficção da literatura epicórica, destinada a constituir um dispositivo simbólico que justifica seu próprio princípio exegético – a saber, a adequação entre as qualidades políticas e morais do governante de um principado e as odes que emanam desse principado e refletem esses vícios ou virtudes. Constituída na literatura local, esta poesia serve, na verdade, ao propósito pancórico do *Shijing* tomado como um todo.

Em outras palavras, para os períodos antigos, não temos quaisquer manifestações textuais de uma cultura epicórica “pura”, além de textos epigráficos destinados a um uso muito local, principalmente no nível da cidade grega. A este respeito, é significativo que a língua homérica ou o chinês clássico – e *a fortiori* o chinês arcaico das *Odes* – não são línguas de nenhum lugar em particular: são línguas sem falantes, às quais autores de língua inglesa, por vezes, referem-se por meio do termo alemão *Kunstsprache*, “língua artificial” ou “língua de arte”.

¹⁵ “Panchoric culture, in other words, may present itself as the artless compilation of epichoric materials, but in practice it creates entirely new cultural artifacts that frequently all but obliterate the traces of what went before. What gets understood as ‘local’ in the presence of a panchoric culture is often a fiction of the local, a generic element in a set rather than a genuinely autonomous tradition” (BEECROFT, 2015, p. 65).

Por fim, notamos que a elaboração teórica de Beecroft baseia-se em uma comparação que não toma como premissa uma definição do gênero épico, mas que coloca em relação dois corpora distantes um do outro na forma e no conteúdo – de um lado, os poemas homéricos; de outro, as odes do *Shijing*, poemas curtos e pouco narrativos, dos quais apenas uma minoria tem tema heroico. Estes textos são, portanto, comparáveis apenas em seu status cultural e nos usos que são feitos no seio de uma determinada cultura. É uma prática do comparatismo que parece permitir esclarecer, em troca, acreditamos, o funcionamento das tradições épicas, e contribuir para renovar as abordagens do épico como gênero.

Leituras imperiais dos corpora canônicos

As questões levantadas em relação às ecologias epicórica e pancórica estendem-se a outro sistema literário que Beecroft chama de cosmopolita (*cosmopolitan*); discutiremos aqui seus princípios antes de examinar como estas análises literárias articulam-se com uma tendência atual da historiografia comparativa dedicada aos “estudos imperiais” (*empire studies*).

O uso que faz Beecroft do termo cosmopolitismo é herdado do trabalho do sanscritista Sheldon Pollock, a quem se refere com frequência. Em vários trabalhos que incorporam uma dimensão comparatista, desde os anos 1990, Pollock elabora uma teoria que articula as noções de “cosmopolita” e “vernacular”, a fim de explicar a expansão do sânscrito e seus usos escriturários e literários em uma ampla faixa do Sul e Sudeste da Ásia, do Afeganistão a Java, entre 300 e 1300 d.C.¹⁶. Ao comparar os usos do sânscrito com os das línguas vernáculas nesses diferentes contextos, ele examina as disputas de poder nos planos político, cultural e simbólico, para destacar o objetivo universal associado pelas classes dominantes desses territórios ao uso de uma língua de tanto prestígio. É por isso que ele se refere à área de difusão da cultura letrada em sânscrito como uma “*cosmopolis*” (Sanskrit *cosmopolis*), sem que, no entanto, corresponda a um conjunto político unificado sob a forma de um império.

No uso posterior a Pollock que faz Beecroft, uma *cosmopolis* literária pode, portanto, ser definida como “um vasto espaço transcultural, translinguístico, transpolítico, dentro do qual uma única língua literária é predominante” (Traduçã de BEECROFT, 2015, p. 105). Este espaço pode se sobrepôr, pelo menos temporariamente, a um império no sentido político, como no caso do império de Alexandre, que espalhou de forma duradoura a *koinê* e a *paideia* gregas no vasto espaço sobre o qual o império persa havia se estendido anteriormente. Mas também pode corresponder à área de difusão de uma religião que, ao se basear em um corpus escrito em uma língua dotada de um status privilegiado, assegura sua difusão e uso em um território estendido,

¹⁶ Este trabalho culmina em POLLOCK, Sheldon. **The Language of the Gods in the World of Men : Sanskrit, Culture, and Power in Premodern India**. Delhi: Permanent Black, 2007.

como no caso da expansão da língua árabe concomitante à expansão do islamismo a partir do século VII. Em outras palavras, muitas regiões do mundo – mas também muitos indivíduos –, em períodos diferentes, pertencem de fato a, pelo menos, dois *cosmopoleis* deste tipo, conforme o número de línguas de prestígio que se impõem, para determinados usos, às populações que também praticam outras línguas de comunicação corrente (BEECROFT, 2015, p. 108). Além dos exemplos do sumério, acádio, latim, árabe e persa, mencionados por Beecroft, o grego – a partir do período helenístico – e o chinês clássico ilustram este fenômeno: a difusão e a influência dos textos chineses clássicos, assim como as práticas letradas que sustentam no Vietnã, na Coreia e no Japão, até o início do século XX, são um exemplo emblemático.

Portanto, esse quadro teórico é uma forma de destacar as interações entre várias ecologias literárias no mesmo espaço geográfico ou político, além dos “sistemas *de* circulação cosmopolita” (*systems of cosmopolitan circulation*) entre centros e periferias culturais, cujas relações mútuas também podem mudar. Assim, a rivalidade entre Pérgamo e Alexandria – pela preeminência cultural no mundo grego durante o período helenístico – ilustra a ascensão de novos centros de espaço cosmopolita em detrimento de Atenas. Esta competição – que também envolveu Antioquia e Pela – deu-se especialmente em torno das famosas bibliotecas construídas nestas cidades, e, em particular, em torno da apropriação textual de Homero. A fundação do Museu e da Biblioteca em Alexandria pelos dois primeiros Ptolomeus, o provável papel de Demétrio de Faleros na aquisição e transferência da biblioteca de Aristóteles de Atenas para Alexandria, e, sobretudo, a sucessiva atividade de Zenódoto de Éfeso, de Aristófanes de Bizâncio e de Aristarco de Samotrácia na edição de um texto homérico “autêntico” testemunham esse desafio propriamente cosmopolita. Contemporâneo de Aristarco, Crates de Malos perseguiu o mesmo objetivo em Pérgamo em meados do século II a.C..

Levar em consideração as tradições hermenêuticas em torno de Homero e do *Shijing* é uma das conclusões lógicas da abordagem: em um curto estudo destinado a mostrar o que proporciona uma leitura paralela desses corpora como “textos *imperiais*” (*imperial texts*), Beecroft (2017, p. 153-173) convida-nos a dar plena importância aos comentários que moldam a recepção e transmissão desses textos nos contextos culturais discutidos. O vocabulário imperial aqui empregado agrega parcialmente a noção de cosmopolitismo, ao mesmo tempo em que acrescenta, parece-nos, nuances particulares: dizer que os poemas homéricos e as *Odes* chegaram até nós como “produtos do império” é enfatizar os “mecanismos interpretativos” e as práticas textuais que moldam os textos à medida que são transmitidos (BEECROFT, 2017, p. 166 e 171). Também significa recolocar determinadas etapas da história exegética e editorial dos corpora no projeto político e ideológico do qual fazem parte e que, para as obras de que estamos tratando, explica em parte seu status de textos “hipercanônicos” (*hyper-canonical status*)

(BEECROFT, 2017, p.153). Por fim, é contribuir para introdução do estudo desses textos canônicos e de seus usos na corrente historiográfica dos estudos imperiais: esta tendência contemporânea estende a comparação entre impérios às questões de representações simbólicas e de práticas culturais.

No caso emblemático do *Shijing*, algumas breves observações sobre o vasto assunto de sua constituição como texto canônico a serviço da ideologia imperial ilustrarão esta questão de forma retrocronológica. Como Beecroft nos lembra, a edição comentada que serviu de base para o status privilegiado deste texto na cultura letrada chinesa até o início do século XX deve-se a Kong Yinda (574-648), no início da dinastia Tang; ele próprio se baseia no comentário canônico de Zheng Xuan (127-200), no final da dinastia Han Oriental. Entretanto, o comentário de Zheng Xuan retoma os pressupostos hermenêuticos da chamada edição Mao, imposta em detrimento das outras três escolas de interpretação das *Odes* ensinadas oficialmente na Academia Imperial desde o século II a.C.. Ao fixar o corpus em sua forma textual definitiva, a edição Mao atribui a cada ode uma grafia, um lugar no dispositivo textual, um prefácio e um comentário que determinam sua interpretação em uma lógica política e moral: como lembramos acima, o contexto fictício de sua composição é projetado para esclarecer seu significado, que se baseia sistematicamente no princípio da manifestação alegórica dos vícios e virtudes do soberano, sendo os desafios éticos indissociáveis desta concepção de poder político. Esta tradição exegética é herdeira de práticas interpretativas anteriores, é claro, mas o exemplo aqui é suficiente para mostrar até que ponto as “leituras imperiais” de um corpus que se tornou canônico são articuladas nos contextos ideológicos e políticos em que se inserem. Assim, a edição monumental das *Odes*, de Kong Yinda, é também uma maneira de reformular o texto canônico a fim de colocar a nova dinastia Tang em uma continuidade simbólica com a prestigiosa dinastia Han. A comparação com a história do texto homérico revela, em ambos os casos, diferentes modalidades de transmissão e citação do corpus poético, do qual o texto transmitido é apenas um dos vários resultados possíveis: para concluir, estas são algumas das questões que nos propomos a abordar.

Leituras cruzadas de Homero e das *Odes*: textos sem território próprio

Podemos chamar de “textualização” o processo pelo qual um corpus é constituído como um texto de referência em uma cultura partilhada – seja ela pancóica ou cosmopolita – sem que este status implique necessariamente ser de um texto escrito. O *Shijing* – cuja letra foi definitivamente fixada pela edição Mao, que também orientou sua interpretação de modo durável – é um *jing*, ou seja, um clássico, um texto canônico, do período dos Reinos em Guerra (481-221 a.C.). O corpus poético é “fluido” em sua forma – os manuscritos encontrados mostram

importantes variantes gráficas –, em seu conteúdo – outras odes que não aparecem na edição Mao são às vezes citadas – e em suas interpretações, uma vez que as odes podem ser objeto de práticas variadas de citação e comentário. Do mesmo modo, a história da textualização dos poemas homéricos não é apenas a de sua fixação progressiva por escrito, mas também a do conjunto de usos que os atualizam nas ecologias do mundo grego, e que são, em grande parte, práticas orais. Isto é o que Gregory Nagy traça em suas diferentes obras, em particular em *Homer the Classic*, publicada em 2009¹⁷: questionar quais textos foram designados pelos títulos *Ilíada* e *Odisseia*, entre os séculos V e I a.C., permite mostrar quais práticas textuais de enunciação, de referência oral ou escrita, de edição ou de comentário constituem o corpus homérico como clássico.

Voltemos à edição de Aristarco, na Alexandria do século II. Ela visa encontrar um texto de Homero mais próximo do que o editor concebe como um "original", um texto primitivo, puramente hipotético, mas que, na opinião de Aristarco, é um pressuposto necessário para se pensar na autenticidade deste corpus de referência. Seguindo os usos do adjetivo *koinos* – que aqui designa, a um só tempo, um Homero “comum” e “padrão” –, Nagy volta à história do texto e vincula esta concepção à fixação oficial de um "roteiro homérico" em Atenas no final do século IV, no âmbito das reformas da performance homérica iniciadas por Demétrio de Faleros, uma fixação que é, em si mesma, o resultado de um processo de "cristalização" durante o período clássico. A partir do século VI, o estabelecimento da tradição ateniense de apresentações rapsódicas da *Ilíada* e da *Odisseia* nas Panateneias implicou que os rapsodos anunciassem os poemas homéricos de acordo com uma única forma, imposta como padrão pelas e para as Panateneias, sem que isso exclua os fenômenos de variação entre cada um desses enunciados, e as diferenças entre as transcrições que então circulavam em Atenas. Este texto, padronizado em sua forma e não em sua letra, é o que Nagy chama de um “Homero panatenaico”, um Homero *koinos*, cuja influência decisiva na evolução da tradição homérica explica-se tanto pelo caráter pan-helênico das celebrações das Panateneias quanto pela hegemonia política e cultural de Atenas no século V.

Duas conclusões podem ser tiradas a partir deste rápido resumo. Em primeiro lugar, se retomarmos as categorias de Beecroft, este Homero panatenaico advém de uma tradição pancórica, porém centrada em Atenas, que lhe impõe uma forma sem que esta substitua a dos Homeros "divergentes", ainda em circulação naquela época no mundo grego. É por isso que Nagy fala de um uso imperial dos poemas homéricos por Atenas. Podemos então considerar que

¹⁷ NAGY, Gregory. **Homer the Classic**. Washington: Center for Hellenic Studies, 2009. Esta obra forma um díptico com outro livro de Nagy intitulado *Homer the Preclassic*, Berkeley, Los Angeles e Londres, University of California Press, 2010. Esta última é dedicada à gênese dos poemas homéricos nos períodos anteriores à sua fixação textual.

se trata de uma leitura cosmopolita de Homero? Não se considerarmos que Atenas apresentasse essencialmente como dominante do mundo jônico, e não de um todo cosmopolita atravessado por uma língua grega comum criada como língua de conhecimento: este espaço não existia antes das conquistas de Alexandre¹⁸. Vemos aqui novamente que a noção de império – e seu correlato, o princípio de uma “leitura imperial” – pode jogar de forma variável com as ecologias beecroftianas, em particular a pancórica e a cosmopolita. Além disso, a plasticidade destas categorias é assumida e até reivindicada pelo teórico: elas só fazem sentido como ferramentas hermenêuticas, a serem testadas e redefinidas em função deste ou daquele exemplo, e este caráter não-sistemático é, de fato, o que as torna interessantes na prática. O exemplo também mostra que a noção de identidade cultural, embora empregada com prudência por Beecroft, não é necessariamente adequada à análise, em particular, em contextos antigos. As comunidades políticas e culturais que estão em jogo nas práticas textuais estudadas podem ser reconfiguradas, recombinadas e até sobrepostas em diferentes ocasiões. Assim, uma festividade pan-helênica recria de forma transitória uma comunidade imaginária que inclui virtualmente o conjunto das cidades gregas. No entanto, vemos que esta tendência ao pan-helenismo ia de mãos dadas com uma afirmação de especificidades locais: há, portanto, uma relação dinâmica de complementaridade entre as duas tendências simultâneas, definidas uma em relação à outra, e não o pressuposto de uma identidade cultural grega estável. Entendida como uma categoria flexível, redefinida de modo pontual por esta ou aquela prática ritual, política, estética ou textual, a noção de comunidade cultural nos parece globalmente preferível à de identidade.

A segunda conclusão baseia-se precisamente neste termo “prática”; ele nos permite abranger as diferentes formas de mobilizar um corpus, seja por meio de atos de enunciação, citação, interpretação ou edição, aquilo que Beecroft integra na definição de suas ecologias literárias como “modos de leitura” (*modes of reading*). As práticas textuais, tanto orais quanto escritas, de Homero ou das *Odes*, fazem com que estes corpora poéticos existam em uma cultura partilhada e pressupõem a ativação de uma memória verbal específica. Compreender como tal memória poética transmite-se e realiza-se, sobretudo nas numerosas práticas de citação de versos homéricos ou das *Odes* nos contextos variados de enunciação, é um desafio que nos

¹⁸ Sobre o helenismo como produto de novas práticas textuais após a fundação da biblioteca de Alexandria, ver Christian Jacob, “Lire pour écrire: navigations alexandrines”, in BARATIN, Marc; JACOB Christian (orgs.). **Le Pouvoir des bibliothèques. La mémoire des livres en Occident**. Paris: Albin Michel, 1996, p. 47: “Esta acumulação [de livros] induzirá efeitos intelectuais particulares, fundando práticas eruditas de leitura e escrita, e uma maneira erudita de administrar a memória da humanidade, criando um novo objeto, o helenismo, que é ao mesmo tempo próximo e distante, porque é distanciado pela mediação da palavra escrita.” {Trad.] Sobre as formas de divulgação da *koinê* e da cultura helênica, ver a síntese de SIRINELLI. **Les Enfants d'Alexandre. La littérature et la pensée grecques (334 BC - 519 AD)**. Paris: Fayard, 1993.

parece ampliar as sugestões de Beecroft. O domínio dessa memória poética não é obviamente o mesmo para um rapsodo, um orador, ou um banqueteador ateniense, para citar apenas alguns exemplos da atualização dos poemas homéricos na Grécia clássica. No entanto, a abordagem antropológica e etnopoética¹⁹ de uma poesia *em ação* é um complemento concreto ao estudo das interações entre ecologias literárias propostas por Beecroft. Assim, muitos usos antigos de Homero e das *Odes* consistem em enunciar versos, integrando-os em um ato de fala culturalmente normalizado que lhes confere uma significação pragmática singular: citados no debate de banqueteador – ou na ficção textual de tal debate, como no *Banquete* de Platão ou de Xenofonte –, no discurso de um orador, em uma entrevista diplomática – como as relatadas na crônica histórica acima mencionada de *Zuozhuan* – ou ainda nos textos didáticos em uso nas escolas de pensamento da China dos Reinos em Guerra, estes versos servem para produzir um novo enunciado, com sua própria eficácia pragmática. Os corpora poéticos têm autoridade porque são o suporte de uma memória verbal que confere a esses enunciados, atualizando-os no contexto, um significado sempre novo, mas inscrito no que é percebido como uma referência cultural compartilhada.

Conclusão

Ao nos perguntarmos sobre os respectivos "territórios" – voltando aos poemas homéricos e ao *Shijing* no título deste artigo –, quisemos tematizar o gesto de Beecroft de abordar as questões de criação, circulação e recepção de textos literários sob a perspectiva das interações entre ambientes culturais em permanente redefinição. Esta abordagem é também uma forma de pensar dinamicamente sobre a inserção de textos e seus usos em um âmbito espacial e temporal abrangente, que é a literatura mundial em sentido mais amplo. É por isso que Beecroft refere-se aos objetos, cujas interações estuda, como "literaturas".

Entretanto, podem-se comentar as práticas textuais orais e escritas que reconfiguram esses corpora poéticos sem projetar o conceito moderno de literatura sobre as culturas tradicionais, e sem considerar que existe literatura assim que uma comunidade cultural define para si mesma critérios específicos de utilização da linguagem que lhe conferem um prestígio simbólico. Em outras palavras – e para afirmar com um sorriso –, podemos pensar em uma "literatura mundial sem literatura" para os períodos antigos, se entendermos por isso uma aproximação dos textos e das práticas que os cercam em constante interação, em ambientes

¹⁹ Para uma apresentação da etnopoética como método de análise das práticas culturais em que o componente verbal, oral ou escrito, é estudado em relação a todos os outros componentes de sua realização (sobretudo gestual, musical ou ritual), ver especialmente Florence Dupont, Maria Manca, Bernard Lortat-Jacob e Claude Calame (orgs.), *La Voix actée. Pour une nouvelle ethnopoétique*, Paris, Kimé, 2010, onde discutimos o caso de *Shijing*.

culturais variáveis, sem pressupor a universalidade e a atemporalidade do conceito de literatura. As questões de definição são, naturalmente, parte integrante das proposições teóricas nas disciplinas literárias; parece-nos que a definição de literatura mundial é justamente o tema de debate. Tomada em sua dimensão polêmica e mesmo militante, a fim de incluir no campo dos estudos literários e especialmente da Literatura Comparada o que nem sempre fez parte dela, é uma noção eficaz; menos quando é empregada como meio de estender a culturas antigas e distantes, ao custo de múltiplas redefinições, o conceito de literatura marcada no tempo e no espaço.

Os antigos corpora canônicos pertencentes a áreas culturais distantes são objetos de estudo que não podem ser reduzidos à função de "textos fundadores" na história das literaturas, já que isso equivaleria a adotar uma perspectiva teleológica. É por isso que, antes de obras literárias, podemos falar de tradições textuais, no sentido de que a tradição da *Ilíada* e da *Odisseia* ou das *Odes* designa, a um só tempo, os textos, em suas metamorfoses orais e escritas, e todas as práticas que as fazem existir. São, portanto, os corpora que nos obrigam a redefinir as fronteiras e a extensão das disciplinas literárias, visto que, situados na interseção dos estudos culturais, não pertencem a nenhum território disciplinar próprio. Não são apenas ferramentas privilegiadas para pensar sobre as relações entre literaturas, seguindo as proposições de Beecroft, mas permitem à Literatura Comparada ir além de si mesma, comparando diferentes maneiras de fazer um texto existir, enquanto que pertencer a uma literatura é apenas uma modalidade entre muitas outras.

O modelo ecológico proposto por Beecroft convida-nos a questionar não apenas sobre os ambientes, mas também sobre os territórios culturais nos quais os textos estão inscritos. Os corpora canônicos, nesta perspectiva, são aqueles que devem sua durabilidade e seu status às múltiplas redefinições deste território simbólico no qual são dotados de uma autoridade particular. Por estas razões, a abordagem une questões epistemológicas atuais para estudos épicos e para o comparatismo: dentro do campo disciplinar, dependendo do lugar onde alocamos os corpora distantes – como os poemas homéricos ou os *Shijing* –, são os próprios limites de nossa prática que fazemos mover.

Referências bibliográficas

Cheu King [Shijing] (Le Livre des Poèmes). Texte chinois avec une double traduction en français et en latin, texto editado e traduzido por Séraphin Couvreur, Taichung, Kuangchi Press, 1967 [primeira edição: Ho Kien Fou, Imprimerie de la mission catholique, 1896].

The Book of Odes. Chinese Text, Transcription and Translation, texto editado e traduzido para o inglês por Bernhard Karlgren, Stockholm, Museum of Far Eastern Antiquities, 1950.

The Chinese Classics, vol. 4: The Che King [Shijing], texto editado e traduzido para o inglês por James Legge, Taipei, Southern Materials Center, 1991 [primeira edição: Hong Kong, Lane, Crawford and Co, 1871].

BEECROFT, Alexander. **World Literature Without a Hyphen: Towards a Typology of Literary Systems**. *New Left Review*, n°54, 2008, p. 87-100.

BEECROFT, Alexander. **Authorship and Cultural Identity in Early Greece and China: Patterns of Literary Circulation**. Cambridge e New York, Cambridge University Press, 2010.

BEECROFT, Alexander. **An Ecology of World Literature: From Antiquity to the Present Day**. Londres e New York, Verso, 2015.

BEECROFT, Alexander. Homer and the Shi Jing as Imperial Texts. *In*: KIM, Hyun Jin; VERVAET, Frederik Juliaan; ADALI, Selim Ferruh (org.), **Eurasian Empires in Antiquity and the Early Middle Ages: Contact and Exchange between the Graeco-Roman World, Inner Asia and China**. Cambridge, Cambridge University Press, 2017, p. 153-173.

BEECROFT, Alexander. "Comparing the Comings into Being of Homeric Epic and the *Shijing*", *in* MUTSCHLER, Fritz-Heiner (org.), **The Homeric Epics and the Chinese Book of Songs: Foundational Texts Compared**. Newcastle, Cambridge Scholars Publishing, 2018, p. 73-84.

CASANOVA, Pascale. **La République mondiale des Lettres**. Paris, Le Seuil, 1999

CERQUIGLINI, Bernard. **Éloge de la variante. Histoire critique de la philologie**. Paris, Seuil, coll. "Des travaux", 1989.

DUPONT, Florence. **L'Invention de la littérature, de l'ivresse grecque au livre latin**. Paris, La Découverte, 1994.

DUPONT, Florence, MANCA, Maria, LORTAT-JACOB, Bernard et CALAME, Claude (orgs.). **La Voix actée. Pour une nouvelle ethno-poétique**. Paris, Kimé, 2010.

HEISE, Ursula K. (org.). **Futures of Comparative Literature: ACLA State of the Discipline Report**. Londres et New York, Routledge, 2017.

JACOB, Christian, "Lire pour écrire: navigations alexandrines", *in* Marc Baratin et Christian Jacob (org.), **Le Pouvoir des bibliothèques. La mémoire des livres en Occident**, Paris, Albin Michel, 1996, p. 47-83.

KIM, Hyun Jin, VERVAET, Frederik Juliaan, et ADALI, Selim Ferruh (orgs.), **Eurasian Empires in Antiquity and the Early Middle Ages: Contact and Exchange between the Graeco-Roman World, Inner Asia and China**. Cambridge, Cambridge University Press, 2017.

MUTSCHLER, Fritz-Heiner (org.). **The Homeric Epics and the Chinese Book of Songs: Foundational Texts Compared**. Newcastle, Cambridge Scholars Publishing, 2018.

NAGY, Gregory. **Le Meilleur des Achéens. La fabrique du héros dans la poésie grecque archaïque**. Tradução de Jeannie Carlier e Nicole Loraux, Paris, Seuil, coll. "Des travaux", 1994 [edição original: *The Best of the Achaeans: Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*, Baltimore e Londres, The Johns Hopkins University Press, 1979].

NAGY, Gregory. **Pindar's Homer. The Lyric Possession of an Epic Past**. Baltimore e Londres, The Johns Hopkins University Press, 1990.

NAGY, Gregory. **Homer the Classic**. Washington, Center for Hellenic Studies, 2009.

NAGY, Gregory. **Homer the Preclassic**. Berkeley, Los Angeles e Londres, University of California Press, 2010.

NYLAN, Michael. **The Five "Confucian" Classics**. New Haven, Yale University Press, 2001.

POLLOCK, Sheldon. **The Language of the Gods in the World of Men: Sanskrit, Culture, and Power in Premodern India.** Delhi, Permanent Black, 2007 [reedição: Berkeley, University of California Press, 2009].

SIRINELLI, Jean. **Les Enfants d'Alexandre. La littérature et la pensée grecques (334 av. J.-C. – 519 ap. J.-C.)**. Paris, Fayard, 1993.